

Empoderamento no processo formativo da biblioteconomia: utopia tecnicista ou realidade possível?

Kamilla Pereira Silva¹
Jorge Luiz Cativo Alauzo²

Resumo: Apresenta ações para o empoderamento cognitivo de discentes graduandos dos cursos de Biblioteconomia a partir de diferentes cenários e atores envolvidos no processo formativo. O artigo tem por objetivo identificar algumas dessas ações visando a emancipação e a autonomia discente a partir da promoção do empoderamento no âmbito da formação desses futuros profissionais. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica que recorre aos principais autores das áreas da Educação e da Biblioteconomia. Conclui que as ações de empoderamento cognitivo voltadas para graduandos de Biblioteconomia são significativas para seu protagonismo e sua participação acadêmica na universidade, ampliando competências a partir de novas perspectivas sobre a profissão. Espera-se que as reflexões acerca do processo formativo na Biblioteconomia, sejam refletidas na emancipação cognitiva, econômica, social e política desses graduandos, sobretudo no que tange às demandas de uma realidade possível exigidas ao moderno profissional da informação.

Palavras-chave: Empoderamento cognitivo; Processo formativo na Biblioteconomia; Práticas acadêmicas.

Empowerment in the Formative Process of Bibliography: technicist utopia or possible reality?

Abstract: It presents actions for the empowerment of undergraduate students of the Librarianship courses from different scenarios and actors involved in the training process. The article aims to identify some of these actions aimed at emancipation and student autonomy from the promotion of empowerment in the training of these future professionals. It is a qualitative and bibliographical research that appeals to the main authors of the areas of Education and Librarianship. It concludes that the actions of cognitive empowerment directed to undergraduate students of Librarianship are significant for their protagonism and their academic participation in the university, expanding their competences from new perspectives on their profession. It is hoped that the reflections about the formative process in Librarianship will be reflected in the cognitive, economic, social and political emancipation of these undergraduates, especially with regard to the demands of a possible reality required of the modern information professional.

Keywords: Cognitive Empowerment; Formative process in Librarianship; Academic practices.

¹ Discente do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Amazonas. Manaus. Brasil.
E-mail: kamisilva291@gmail.com

² Bibliotecário do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia. Manaus. Brasil. E-mail: icativo@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

As profissões vêm passando por adaptações nos fazeres e práticas de seus profissionais em decorrência das mutações da sociedade sobretudo pelos impactos de um cenário tecnológico e dos novos nichos de atuação. No caso dos bibliotecários, aliam-se a esse fato, as novas exigências do mercado de trabalho e a necessidade de ruptura do estigma tecnicista em detrimento de uma formação mais humanística e social.

O processo formativo desses profissionais exige como prerrogativa, a existência de um espaço legalmente instituído e reconhecido para a construção de práticas educativas a partir de legislações, docentes capacitados, instrumentos legais e os próprios discentes. Estes últimos, ao criarem vínculo institucional, ocupam regularmente o espaço das universidades, trazendo inevitavelmente consigo, valores, crenças, costumes e experiências a partir de características individuais e coletivas.

Ocorre que os saberes e práticas transmitidos necessariamente na trajetória acadêmica aos discentes, nem sempre estão adequados ao cenário contemporâneo exigido pelas demandas do mercado do trabalho e pela própria sociedade. No que tange a práticas pedagógicas e metodológicas, é a necessidade de um caráter social e humanístico e a quebra de paradigmas tecnicistas ainda não desafios a serem transpostos para um contexto contemporâneo.

Acredita-se que no processo de ensino-aprendizagem na universidade, esteja o início da mudança possível para preparação de futuros bibliotecários, como protagonistas ativos e sujeitos empoderados cognitivamente para intervir na sua realidade sociocultural, econômica e política. Tais mudanças perpassam por um conjunto de práticas que representam ao discente, um diferencial significativo no seu processo formativo.

Para tanto, é preciso reduzir incertezas desses discentes, permitindo sua autonomia a partir do fator cognitivo. Sabe-se que os processos pedagógicos, os valores culturais e as diretrizes institucionais da universidade e seus educadores, afetam e interferem na construção de práticas que podem empoderar o aluno. Isso se dá a partir do estímulo de sua capacidade criativa, desenvolvimento de suas potencialidades e sobretudo, um direcionamento de sua consciência para um posicionamento crítico que deve se refletir na sua postura e carreira profissionais.

Discute-se a partir dessa necessidade, o desenvolvimento da capacidade cognitiva dos discentes ainda em formação, em prol da resolução de problemas, do aumento significativo das suas percepções de mundo e da ampliação de suas habilidades emocionais e profissionais visando a consolidação de práticas integradoras de cidadania. Todos esses fatores corroboram para o perfil protagonista e emancipado desejável durante a sua trajetória acadêmica que se fortalece e destaca o aluno na sua atuação profissional.

Diante do exposto, indaga-se quais ações ligadas ao ensino-aprendizagem contribuem para o empoderamento cognitivo dos discentes em processo formativo nos cursos de Biblioteconomia no Brasil?

Para a resposta dessa questão, a pesquisa tem como objetivo geral: conhecer práticas que promovem a emancipação desses discentes durante o processo formativo. Para o alcance desse objetivo, levantou-se um aporte teórico sobre a influência da educação na construção formativa do discente e do empoderamento voltado ao cenário informacional; relacionou questões do empoderamento a práticas acadêmicas e pedagógicas dos cursos de Biblioteconomia e a partir disso, apresentou ações de empoderamento ao novo perfil pertinente dos discentes em formação na área.

Justifica-se a pesquisa pela necessidade de relacionar ações de empoderamento aos discentes enquanto atores sociais de um processo formativo que reflete a atuação futura de profissionais e seu modo de ser, agir e pensar socialmente. É preciso ainda, adequar saberes culturalmente mantidos ao longo do tempo, para uma nova realidade em uma postura proativa e inovadora, esteja integrada com uma Biblioteconomia mais social e participativa.

2 PROCESSO DE APRENDIZAGEM NA UNIVERSIDADE E OS CURRÍCULOS DOS CURSOS DE BIBLIOTECONOMIA

A educação superior tem papel significativo e relação direta com a construção de espaços de ensino - sendo por meio das instituições de ensino superior a possibilidade de conclusão do terceiro grau a partir da união de diferentes agentes institucionais, instrumentos e recursos voltados para a formação de sujeitos capazes de atuar na transformação da sociedade.

A partir das universidades, com suas estruturas física, pedagógica e institucional a oferta de cursos superiores destinadas a cada área do conhecimento amplia a cada dia o número de profissionais nas profissões e a necessidade de discussão sobre competências cognitivas, emocionais e técnicas não voltadas apenas para o mercado de trabalho mas também para as soluções de problemas e decisões durante a vida pessoal e profissional.

Almeida Júnior (1997) ressalta que em se tratando da profissão de bibliotecário, o mercado “[...] pode ser ocupado por aqueles que são devidamente qualificados. O problema é que não se exige competência, mas diploma”. Para o autor, o alcance desse diploma dentro do processo formativo tem implicações que atravessam questões sociais, culturais, raciais, políticas, econômicas.

Rodrigues e Campelo (2004, p. 7) dialogam com a ideia do autor ao perceberem a necessidade de uma competência que “[...] transcende os limites da mera aptidão técnico-científica e adentra o campo do político social” permitindo não apenas atender demandas de mercado mas preparando cidadãos para uma sociedade mais inclusiva.

Ao criar vínculo institucional por meio do acesso público e gratuito em universidades públicas a partir da escolha de um curso, os discentes começam sua trajetória acadêmica com expectativas de obter competências emocionais, técnicas e profissionais necessárias para o exercício da profissão escolhida. Apesar dessa expectativa, essas competências são adquiridas em processos de ensino-aprendizagem e currículos que sobressaem privilégios a uma carga teórico-tecnicista em detrimento de atividades práticas.

Nesse sentido, Almeida Júnior (2002, p. 136) salienta que a estrutura e o embasamento dos currículos não deve estar “[...] priorizado e articulado a partir das disciplinas consideradas técnicas. O currículo não pode ser submetido a conceitos impostos pelas áreas técnicas de uma profissão”.

A colocação do autor revela a necessidade de debater sobre a formação e seu conjunto de saberes e práticas sem voltá-las apenas para ocupações tradicionais, um mercado de trabalho e a perpetuação de atividades tecnicistas, mas na articulação de disciplinas e conteúdos com relação interdisciplinar a outras áreas do conhecimento.

Segundo Silva (2018, p. 219) “[...] a formação do profissional bibliotecário em tempos de constante mudança continua a exigir uma adequação dos currículos e das

práticas pedagógicas às múltiplas realidades brasileiras se é que desejamos que estas mudanças não sejam somente de aparência”.

Ademais, existem nas escolas de Biblioteconomia brasileiras discussões necessárias sobre currículos dos cursos no que tange a relação da teoria com a prática já que disciplinas sustentam sempre o arcabouço teórico de uma realidade ultrapassada em detrimento das ações prática necessárias tão importantes na sociedade contemporânea.

Prado (2016, p. 132) enfatiza que a construção de um currículo

[...] é presente em qualquer curso, pois se caracteriza como um desafio de se aliar teorias à prática proposta por um mercado de trabalho repleto de transformações cotidianas, que exige do profissional em formação habilidades e competências técnicas e emocionais. É o instrumento que norteará todo o período formativo de qualquer indivíduo.

Contudo, é importante estabelecer esse instrumento como fundamental para as mudanças esperadas nas relações entre a universidade, docente e discente a partir do viés cognitivo. Essas mudanças se dão pela percepção de que as disciplinas não devem formar indivíduos para atividades tradicionais realizadas por bibliotecários.

Dada a necessidade de rever conteúdos programáticos relativos a disciplinas voltadas para paradigmas que associam a profissão ao contexto tecnicista e de mercado, as exigências formativas precisam ser reformuladas para suprir a ocupação de campos emergentes de atuação e demandas contemporâneas de caráter social, tecnológico e político.

Sobre essa necessidade, Valentim (2018, p. 21) reforça a necessidade de que os “[...] conteúdos programáticos devem estar alinhados ao mundo do trabalho, para rever e ajustar quantas vezes for necessário, ou seja, o projeto pedagógico necessita ser flexível para absorver os ajustes e realinhamentos que se façam necessários”.

Fazendo frente a esse contexto de universidade, instrumentos adotado pelos cursos e o discente protagonizando novas práticas a partir de mudanças no caráter formativo, também é importante retratar a função educativa e mediadora dos docentes. Enquanto agentes partícipes, os professores universitários são fundamentais pelos diálogos e orientações acadêmicas em salas de aula, determinantes na motivação e no estímulo das discussões e debates que ampliem a percepção crítica dos discentes.

Além disso, fazem parte de um colegiado institucional dentro do espaço da universidade e são responsáveis pela proposição e adequação das mudanças possíveis nos instrumentos, nas metodologias e práticas pedagógicas adotadas de modo a intervir

na realidade social do que se deve ensinar e ser aprendido em função da formação e da conclusão do terceiro grau de futuros profissionais. Para Almeida Júnior (2002, p. 147):

[...] formação não é treinamento. O espaço do treinamento é bem específico. Há que se analisar e entender o ensino dentro de uma perspectiva mais ampla, em uma perspectiva social. O ensino não pode se resumir ao restrito espaço da sala de aula, pelo contrário, e deve se embrenhar em todas as facetas da vida dos alunos. E é com esse norte que deve se dar o trabalho dos docentes.

Diante da necessidade de se ampliar o horizonte dos discentes, é preciso ressaltar que os docentes devem articular metodologias capazes transmitir conhecimentos que não coloquem o aluno na condição de mero receptor de saberes. Além disso, será impulsionando um protagonismo que os leve à emancipação política, social, econômica e principalmente cognitiva que pela educação serão formados para contribuir com as melhorias que a sociedade precisa.

3 A PROMOÇÃO DO EMPODERAMENTO NO PROCESSO FORMATIVO DA BIBLIOTECONOMIA

Durante os períodos ou fases do processo formativo em que os alunos permanecem na universidade, existem influências e motivações que podem estimulá-los em sua motivação pessoal ou para a chamada evasão. Nos diferentes cursos oferecidos no país, notadamente alguns já adequaram ou entendem a necessidade de mudanças com base em novas exigências das profissões.

Para Valentim (2018, p. 21) a formação profissional vem sendo constantemente atualizada a partir de suas distintas origens. Nessa perspectiva, é fundamental que essa dinâmica seja também uma realidade no contexto acadêmico, especialmente no âmbito da graduação. Segundo a autora isso se reflete a partir da necessidade de alinhamento de impactos políticos, econômicos, sociais e tecnológicos a matrizes curriculares dos cursos da área da informação, entre eles

não somente o curso de Biblioteconomia foi sendo reformulado pautando-se pelas exigências legais, necessidades do mercado, demandas sociais tanto na formação quanto no fazer profissional do bibliotecário, mas também a identidade desses profissionais que se forma a partir de experiências adquiridas e das influências que contribuem para a formação de características próprias, seja de pessoas, instituições ou mesmo novas propostas profissionais (SPUDEIT, 2018, p. 22).

Além dessas modificações de caráter acadêmico, é preciso compreender que a identidade dos profissionais é moldada a partir de suas experiências que os tornem sujeitos “[...] autônomos, participativos e críticos, com qualidade formal e política, capacitados a refletir e produzir novos conhecimentos acerca de sua prática profissional e, fundamentalmente, comprometidos com a emancipação e o exercício da cidadania” (RODRIGUES, 2002, p. 22).

Essa emancipação contribui para o empoderamento durante o processo formativo e pode ser expressa a partir da promoção de diferentes ações envolvendo alunos e professores dentro e fora da universidade. Baquero (2012, p. 176), no nível individual, o empoderamento refere-se “[...] à habilidade das pessoas de ganharem conhecimento e controle sobre forças pessoais, para agir na direção de melhoria de sua situação de vida”.

A mesma autora complementa que empoderar envolve a capacidade de auxiliar os outros a desenvolver habilidades para que possam obter poder por seus próprios esforços. O empoderamento portanto ao considerar os sujeitos e sua interação com o meio deve se traduzir em relação de emancipação e poder que se reflete no exercício da cidadania.

Esse acréscimo de poder, analisado pelo viés cognitivo, ocorre pela apreensão de saberes e conhecimentos ao longo da vida que prepara os indivíduos para serem protagonistas de ações e decisões em prol da mudança de sua realidade. Os benefícios de se empoderar indivíduos se relacionam ao

[...] processo de ação social no qual os indivíduos tomam posse de suas próprias vidas pela interação com outros indivíduos, gerando pensamento crítico em relação à realidade, favorecendo a construção da capacidade pessoal e social e possibilitando a transformação de relações sociais de poder (BAQUERO, 2012, p. 181).

Desse modo, entende-se que as condutas dos discentes de Biblioteconomia na universidade provém das cargas educacionais que se sobressaem das demais condutas consideradas, teoricamente, ideais para um ingressante universitário. Em virtude disso, essa discrepância do ideal para um cenário efetivamente realístico e satisfatório na condução do processo formativo dos alunos, contribui para o trabalho árduo de docentes exigirem resultados de participação, compreensão e escrita - competências indispensáveis para sua presença ativa na universidade.

Na perspectiva dos docentes serem considerados influenciadores natos, entende-se ainda que a subordinação na relação docente x aluno provém de todos os níveis de ensino formal e informal que os mesmos se submetem ao longo tempo. Demo (1996, p. 15) alerta que é preciso ajustar a relação que considera a “[...] noção de aluno como sendo alguém subalterno, tendente a ignorante, que comparece para escutar, tomar nota, engolir ensinamentos, fazer provas e passar de ano”.

Esse tipo de hierarquia condicionada ao aprendizado, inibe a participação emancipatória dos alunos durante sua formação, impactando na seu perfil e conduta perante futuras relações de poder da qual se sinta limitado a também entenda que precisa de orientações para execução de atividades profissionais, seja no mercado de trabalho ou na atuação profissional. Destaca-se que, existem impasses quanto a idealização desse perfil discente no que tange às influências dos docentes perante a comunidade acadêmica, já que

[...] o perfil do profissional a ser formado, mesmo quando claramente explicitado, não é, assim, seguido por todos os professores, já que as concepções do profissional ideal são díspares e discrepantes entre si. Há uma dicotomia entre o ideal e a realidade que, embora esperada, supera em muito as previsões mais pessimistas (ALMEIDA JÚNIOR, 2002, p. 139).

Percebe-se que algumas variantes envolvidas nos processos de mudança e emancipação discente, dependem de fatores que estão além de sua vontade ou escolha e envolvem atores do âmbito institucional. Ressalta-se que o aluno é o agente do qual o processo de ensino e aprendizagem deve protagonizar e priorizar na academia. É possível afirmar que a atuação protagonista contudo, também é influenciada pela figura do educador já que

[...] as relações também estão no centro de ensino e não apenas o conteúdo do conhecimento, apesar deste também ser necessário. Ao fornecer um ambiente em que os alunos são atendidos e valorizados por seus pontos fortes e habilidades, os professores podem criar espaços de aprendizagem positivo e fortalecedor (BROOM, 2005, p. 82, *tradução nossa*).

Não se deve portanto, criar uma sensação de subordinação e medo vinculadas à figura dos docentes, suas formas de avaliar e principalmente, seu domínio acerca de conteúdos dos quais depende o aluno em seu aprendizado. Somente ao manter ativamente uma relação de mediação de conhecimentos a partir de metodologias ativas e participativas, com preceitos éticos e engajamento ao discente, estarão contribuindo de forma significativa para o protagonismo e emancipação que se defendem.

Ademais, os conteúdos são transferidos para os discentes sem incentivo à visão crítica em algumas disciplinas do curso, compactuando com a conformidade dos mesmos que, por maioria das vezes, corroborando com as práticas obsoletas que eferão na evasão desses futuros profissionais. Ao se considerar o empoderamento no espaço da Universidade, é preciso perceber a extensão das relações entre processos pedagógicos, metodologias e o papel docente com o propósito da emancipação e do protagonismo discente.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa exploratória quanto aos objetivos já que identifica e apresenta mais informações a

respeito do processo formativo enquanto elemento capaz de interferir nas decisões e escolhas dos discentes promovendo autonomia ou dependência em ações que envolvem seu aprendizado .

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 54), trata-se de uma pesquisa bibliográfica em que podem ser utilizados “[...] livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa”. Esse levantamento bibliográfico da pesquisa está relacionado a diferentes práticas de promoção ao empoderamento de discentes durante a graduação em Biblioteconomia. O intuito é verificar na literatura, iniciativas que desenvolvem cognitivamente esses graduandos.

Entre essas fontes, buscaram-se autores que tratavam da relação entre a área da Educação e da Biblioteconomia considerando o processo formativo. O quadro 2 a seguir, relaciona as ações com as fontes consultadas de acordo com os objetivos e o problema da pesquisa:

Quadro 2 - Ações cognitivas analisadas com base nas fontes consultadas

Ações	Fonte
Perceber a necessidade de ajuste dos conteúdos exigíveis em relação aos existentes nos currículo;	Valentim (2018).
Busca de conhecimentos teóricos e práticos além da sala de aula;	Silva (2018).
Participação em projetos de pesquisa e extensão;	Valentim (2018), Castro (2002), Caldas e

	Barbosa (1995).
Organização e participação de eventos na área;	Silva(2013), Lacerda <i>et al.</i> (2008), Santos (2012).
Participação em monitorias das disciplinas;	Andrade (2018).
Realização de estágios obrigatórios (supervisionados) e não obrigatórios (voluntários e remunerados);	Roque e Ohira (2006).

Fonte: Os próprios autores (2019)

A escolha por tais ações, considerou a influência cognitiva aos discentes a partir de diferentes oportunidades surgidas na graduação em Biblioteconomia. O quadro 1 enfatiza os principais termos utilizados para recuperar as fontes consultadas no embasamento dos capítulos existentes na pesquisa:

Quadro 1 - Termos utilizados na recuperação de fontes em meio eletrônico

Capítulo	Termos utilizados
PROCESSO DE APRENDIZAGEM NA UNIVERSIDADE E OS CURRÍCULOS DOS CURSOS DE BIBLIOTECONOMIA	Licenciatura em Biblioteconomia; Docência; Ensino-aprendizagem; processo formativo; universidade públicas; curso de biblioteconomia; Educação.
A PROMOÇÃO DO EMPODERAMENTO DISCENTE DURANTE O PROCESSO FORMATIVO	Formação universitária; poder cognitivo; educação superior; estudantes de Biblioteconomia; graduandos de Biblioteconomia; <i>Empowerment</i> ; Empoderamento;

Fonte: os próprios autores (2019)

No cenário formativo do ensino de graduação em Biblioteconomia, considera-se como agentes e entidades envolvidas: a universidade pública, os docentes com agentes partícipes da relação aluno-professor-aluno, instrumentos que regulam a oferta de disciplinas e seus conteúdos, as diferentes práticas pedagógicas e metodológicas que permeiam a vida acadêmica e, em princípio, as iniciativas incentivo a pesquisa e extensão das quais o aluno está apto a participar ao longo da graduação.

5 RESULTADOS

Com vistas ao alcance dos objetivos propostos e aproximando as discussões oriundas da questão norteadora da pesquisa serão discutidas algumas ações de promoção do empoderamento durante o processo formativo dos discentes de Biblioteconomia.

É importância o discente perceber a necessidade de ajuste dos conteúdos exigíveis em relação aos existentes nos currículos, considerando o contexto contemporâneo já que é preciso estar ciente das limitações do ensino nas diferentes disciplinas que compõem as grades curriculares dos cursos que muitas ainda trazem estruturalmente uma relação direta com assuntos tecnicistas e limitados à atuação de futuros profissionais atuantes apenas em campos tradicionais de atuação. A figura 1 retrata essa necessidade a partir alinhamento de conteúdos a novas demandas do mundo do trabalho:

Figura 1 - Alinhamento dos conteúdos programáticos e o mundo do trabalho



Valentim (2018. p. 22).

É importante frisar que o aluno não interfere nessa dimensão de mudança sobre o diagnóstico, planejamento, elaboração, avaliação e proposição de ajustes nos currículos. Esse papel de mudança é do conjunto de diferentes atores dos quais fazem parte, docentes, coordenadores curso, coordenações pedagógicas e colegiados e câmaras de ensino de graduação.

Sobre a busca por conhecimentos teóricos e práticos além da sala de aula, nem sempre são do conhecimento do discente as possibilidades ingresso em cursos de capacitação a distância ampliam o cenário do aprendizado na sala de aula. Esta não

pode ser considerada um espaço exclusivo para obtenção do conhecimentos no processo formativo. Por controvérsia, o aluno deve interpretar

[...] a sala de aula como o espaço de concretude para pensarmos e repensarmos permanentemente no processo de formação, visto que a sala de aula tem um amplo sentido...configurando-se como um dos espaços educativos onde os sujeitos podem vivenciar os atos de ensinar, pesquisar e aprender (SILVA, 2018, p. 216).

Entre os atos de ensinar, torna-se necessária a naturalização da busca por conhecimento além do ensino presencial, com base na realidade de outras instituições que também ofertam o curso ou na própria literatura científica atualizada que fornece subsídios ao aprendizado. Ademais, citam-se inúmeras fontes e recursos de disseminação do saber contemporâneo que vão além da sala de aula.

Os repositórios digitais, os portais de periódicos, os anais de eventos da área, os *e-books* frequentemente lançados e distribuídos gratuitamente na *web* e os próprios ambientes de aprendizagem das universidades, que sempre oferecem capacitações à distância com conteúdos de cunho científico, são oportunidades de capacitação ao discente. Investimentos em cursos presenciais também são alternativas indispensáveis quando se preza por um diferencial cognitivo em relação ao ensino meramente restrito à sala de aula no âmbito da universidade.

Sobre a participação em projetos de pesquisa e extensão, concorda-se com com Valentim (2018 p. 23) ressalta que “[...] em geral, não se estabelece a inter-relação entre ensino, pesquisa e extensão, ação esta fundamental para a formação plena do aluno”. A respeito dos projetos de pesquisa e extensão no curso de Biblioteconomia, salienta-se que,

[...] a extensão universitária deve ser vista pelos Cursos de Biblioteconomia não como atividade de complementação acadêmica, mas veículo de formação profissional da maior relevância por levar o aluno a tomar consciência de sua responsabilidade social e contribuir para a credibilidade do seu curso junto à sociedade (CALDAS; BARBOZA, 1995, p. 34)

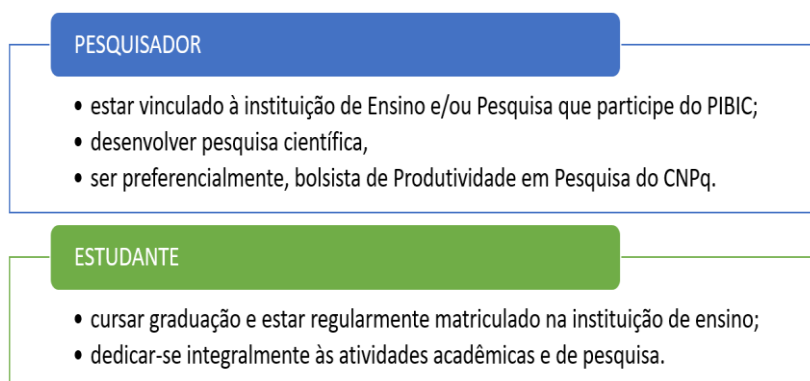
Nesse viés, os projetos de extensão são práticas indicadas como necessárias que interferem na ampliação do papel do discente na universidade. Ao se conscientizar de possibilidades de pesquisa e extensão, o aluno não se limita a ensino e aprendizagem na sala de aula, assim, podendo interagir com a comunidade agregando vivências e experiências que o destacam dos demais. É preciso considerar conseqüentemente que,

a pesquisa discente, independentemente de área e curso, como o meio pelo qual efetiva-se a relação saber-fazer-saber. Assim, a pesquisa assume papel relevante, na medida em que contribui para romper com aulas expositivas e reprodutivas do discurso alheio, trazendo para o espaço da aula contribuições essenciais reais e concretas (CASTRO, 2008, p. 51).

Uma dessas oportunidades é o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica³ - PIBIC. Segundo o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPQ, o programa tem o objetivo de apoiar a política de Iniciação Científica desenvolvida nas Instituições de Ensino e/ou Pesquisa, por meio da concessão de cotas de bolsas de Iniciação Científica - IC a estudantes de graduação integrados na pesquisa científica. Cada instituição tem sua cota sendo dos docentes, a responsabilidade de orientação dos discentes indicados a partir de chamada pública para submissão e seleção de projetos. O programa é passível de bolsa ao aluno, sendo sua vigência de no máximo 1 ano.

Existem alguns critérios definidos para orientadores e discentes indicados para submissão de projetos e participação no programa. Alguns desses critérios são apresentados na figura a seguir:

Figura 2 - Requisitos para participação no processo de seleção do PIBIC



Fonte: CNPQ (2019)

Entre os benefícios dispostos ao discente vinculado a um projeto desse viés, estão o aproveitamento de créditos optativos ou horas de Atividades Científico-Culturais, a obtenção de experiências pertinentes a sua vida acadêmica e profissional, conhecimentos sobre etapas e estrutura da pesquisa científica, interação com o docente, além de técnicas de escrita e oralidade

A organização e participação de eventos na área representam saberes

³ <http://cnpq.br/pibic/>

consideráveis para o desenvolvimento profissional e pessoal dos educandos. É importante ao discente, integrar comissões organizadoras de eventos da área como colaborador, voluntário ou *staff* ou se inscrever ao longo da graduação nos diversos eventos profissionais e estudantis existentes na área. A participação de estudantes nesses eventos

promovidos no ambiente acadêmico e profissional, constitui um mecanismo que ajuda os discentes a construir um arcabouço de conhecimentos que contribui para uma formação consolidada e para o desenvolvimento de competências e habilidades para uma atuação mais segura na sociedade (SILVA, 2013, p. 2).

Os eventos científicos são oportunidades para troca de experiências e capacitação, permitindo que o aluno possa desenvolver sua oratória e comunicação e como reforça Santos (2012), representam vantagens de cunho acadêmico e pessoal aos estudantes.

Lacerda (2008, p. 130) reafirma que esse tipo de comunicação informal é uma “[...] fonte essencial na busca e apreensão de novos conhecimentos, sua finalidade é reunir profissionais ou estudantes de uma determinada especialidade para trocas e transmissão de informações de interesse comum aos participantes”. Alguns desses eventos acadêmicos ou profissionais são realizados anualmente e estão indicados no quadro 3 a seguir:

Quadro 3 - Principais eventos da área da Biblioteconomia

Ação	SIGLA
Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias	SNBU
Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação	CBBB
Fórum de Inovação e Empreendedorismo na Biblioteconomia	FIEB
Conferência Luso Brasileira de Acesso Aberto	CONFOA
Encontro Nacional de Estudantes de Biblioteconomia e Documentação	ENEBD
Encontro Regional de Biblioteconomia, Documentação, Ciência e Gestão da Informação	EREBD

Fonte: Os próprios autores (2019)

Os discentes também podem se candidatar aos **programas de monitorias** que são regulamentados pelos conselhos universitários e permitem, considerando seu

coeficiente de rendimento e consoante ao seu plano de estudos, apoiar as tarefas de ensino e pesquisa dos docentes nas instituições, conforme prevê a Lei de Diretrizes e Bases da Educação em seu artigo 84. A figura 3 apresenta alguns dos critérios comumente adotados nas universidades para que o discente seja monitor nas disciplinas dos cursos de Biblioteconomia:

Figura 3: Critérios para se candidatar a vaga do programa de monitoria



Fonte: Os próprios autores (2019)

Por consequência ao aceite na monitoria, o discente tende a compreender as atividades de ensino/aprendizagem orientada por docentes que são responsáveis por interagir e partilhar saberes e práticas com o aluno. Ademais,

[...] o discente, apoiando-se no monitor, encontra espaço fértil ao esclarecimento de dúvidas e consequente fortalecimento de habilidades, potencializando seus conhecimentos com menor grau de receio e de maneira mais acessível, tanto no que se refere à manutenção de contato, à linguagem mais próxima e adaptada à realidade do estudante, quanto às simetrias das experiências acadêmicas de ambos (ANDRADE *et al.*, 2018, p. 1693).

Além desses benefícios que acabam agregando saberes e empoderam cognitivamente o aluno, o programa de monitoria permite a interação entre o discente e seu professor, favorecendo sua aprendizagem e aumentando sua segurança ao minimizar as dúvidas dos seus colegas na sala de aula e fora dela. Outrossim, ser monitor também pode representar uma oportunidade para atuar futuramente como docente.

Esse diferencial nem sempre é relacionado aos discentes selecionados nos Cursos de Biblioteconomia. Contudo a vivência e a aproximação com o docente após essa seleção, somada a orientações e interpretações teóricas sobre as atividades ministradas na disciplina, acabam favorecendo o seu interesse pela carreira, aprimorando de forma significativa sua autoconfiança, sua oratória e sobretudo, sua capacidade de comunicação em público.

Outro diferencial significativo incentivo a práticas de empoderamento em nível cognitivo dos discentes dos Cursos de Biblioteconomia é a possibilidade de realização de estágios obrigatórios (supervisionados) e não obrigatórios (voluntários e remunerados) já que são nesses espaços que surgem as oportunidades para o desenvolvimento de práticas que transcendem as quatro paredes da sala de aula. Esses estágios, pretendem sob coordenação, supervisão e orientação profissional ou docente, permitir o exercício de atividades práticas entrelaçadas com a teoria do campo da Biblioteconomia.

Roque e Ohira (2000, p. 9) sugerem que os estagiários devam compartilhar com a coordenação dos “[...] cursos de Biblioteconomia, a responsabilidade pela escolha dos campos de estágio, tendo em vista a responsabilidade e a contribuição dos mesmos na formação dos futuros profissionais”. Importante ressaltar que nessa decisão, se considere nos campos de estágio, a existência de profissionais comprometidos com o aprendizado dos alunos a partir de atividades reforçam o exercício de situações reais de vida e trabalho no cotidiano que relacione teoria e prática à trajetória acadêmica.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estabelecer um diálogo entre agentes educativos envolvidos no processo formativo e a necessidade de empoderamento dos discentes no âmbito do ensino superior é uma tarefa que exigem diferentes reflexões, considerando o novo perfil de profissionais contemporâneos.

As universidades para tanto, devem se constituir em territórios capazes de subsidiar a formação discente com seu corpo docente comprometido com as adequações e articulações sociais e políticas necessárias que garantam o protagonismo daquele pela qual sua missão e objetivos são firmados: o aluno.

Nesse sentido, os currículos dos Cursos de Biblioteconomia podem e devem ser ajustados para preparar cidadãos capazes de atuar atendendo demandas de uma sociedade cujo mundo do trabalho vem modificando os fazeres e os saberes necessários para quase todas as profissões. Disso dependem proposições de mudanças que envolvem a participação de docentes, colegiados e agentes das instituições de ensino responsáveis por aprovar instrumentos que regulam o funcionamento dos cursos de graduação.

Essa premissa considera a perspectiva de que o aprender e o ensinar devem ser discutidos permitindo que se formem na academia, discentes capazes de um protagonismo desde sua trajetória acadêmica. Já não basta emitir diplomas que atendem demandas capitalistas e um mercado de trabalho. Acredita-se que para isso, seja preciso modificar a ideia de que o aluno é apenas passivo e pacífico dentro do processo de ensino-aprendizagem.

Disso dependem, a quebra de paradigmas e um consenso entre diferentes ideologias docentes que evidenciam a dicotomia entre um utópico tecnicista presente e uma realidade somente possível a partir do empoderamento cognitivo dos discentes na universidade.

Além disso, o contexto contemporâneo vem exigindo cada vez mais a interligação entre a comunicação dos saberes com as competências digitais para o domínio e uso de tecnologias envolvidas na atuação desses futuros profissionais. Esse contexto de mudança deve partir da gênese do processo formativo, considerando ajustes dos instrumentos que ainda limitam os conteúdos e os docentes a propagarem o ideal de que a atuação se limite a bibliotecas e práticas tecnicistas.

Entende-se que seja relevante o aprendizado teórico e as práticas dos discentes sobre diferentes processos técnicos, porém, é preciso desmistificar o perfil meramente tecnicista em face a exigências de “[...] qualificações que o levem a espaços onde a liderança possa ser exercida ou se constituir como uma necessidade, como uma condição imprescindível (ALMEIDA JÚNIOR, 2002, p. 139).

Por fim, existe uma relação direta entre graduação, o processo de formação e as metodologias e pedagogias adotadas para a construção do perfil de um profissional apto para perceber demandas emergentes de uma realidade contemporânea. Não se pode pensar “[...] apenas na ocupação de vagas no mercado de trabalho atentadas pela ampla competitividade profissional que acarreta interesses individuais dos discentes” (VALENTIM, 2002, p. 145).

Isso só ocorre a partir da visão integradora entre docentes, discentes e o compromisso de uma mudança significativa sobre a condição cognitiva, evitando evasão, desmotivação e a evasão, construindo múltiplos olhares sobre a participação acadêmica na universidade. Vive-se um novo tempo que exige profissionais críticos, cientes de sua responsabilidade social e oportunizado por inúmeras oportunidades de empoderamento que surgem desde a sua formação na universidade.

Espera-se que todos os agentes e instrumentos envolvidos nesse cenário educativo, atuem em consonância com práticas capazes de fazer dialogar essa utopia tecnicista do presente com uma realidade possível, modificando paradigmas quando necessário e sobretudo, adequando o ensino da Biblioteconomia à formação de profissionais emancipados cognitivamente, econômica, social e politicamente.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Erlon Gabriel Rego de et al. Contribuição da monitoria acadêmica para o processo ensino-aprendizagem na graduação em enfermagem. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 71, supl. 4, p. 1596-1603, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672018001001596&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 28 abr. 2019.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Corporativismo bibliotecário: remédio contra a competência.** In: ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Sociedade e Biblioteconomia. São Paulo: Polis/APB, 1997. p. 94-97.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Formação, formatação: profissionais da informação produzidos em série.** In: VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Formação do Profissional da Informação. São Paulo: Pólis: 2002. p. 133-148.
- BAQUERO, Rute Vivian Angelo. Empoderamento: questões conceituais e metodológicas. **Redes** (Santa Cruz do Sul. Online), Santa Cruz do Sul, v. 11, n. 2, p. 77-93, set. 2006. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/redes/article/view/10843>. Acesso em: 13 mar. 2019.
- BROOM, Catherine. *Empowering students: Pedagogy that benefits educators and learners.* **Citizenship, Social and Economics Education.** v. 14, n. 2, p. 79–86, 2005. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/2047173415597142>. Acesso em: 31 mar. 2019.
- CALDAS, M. A. E.; BARBOZA, J. P. O papel da extensão na formação do estudante de biblioteconomia. **Informação & Sociedade: estudos**, João Pessoa, v. 5, n. 1, p. 30-36, jan./abr. 1995. Disponível em: <http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/1533>. Acesso em: 01 mar. 2019.
- CASTRO, César Augusto. A pesquisa discente nos cursos de graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação. **Transinformação**, Campinas, v. 14, n. 1, p. 49-53, jan./jun. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tinf/v14n1/06.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2019.
- DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa.** Campinas: Editora Autores Associados, 1996. 120p.
- Múltiplos Olhares em Ciência da Informação, v.9, n.1, jul. 2019.

LACERDA, Aureliana Lopes de. et.al. A importância dos eventos científicos na formação acadêmica: estudantes de biblioteconomia. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 130-144, jan./jun., 2008. Disponível em: <http://revista.acb.org.br/racb/article/view/553/678>. Acesso em: 28 abr. 2019.

PRADO, J. M. K. do. O currículo de Salzburg para bibliotecários numa era da cultura da participação. **Informação em Pauta**, v. 1, p. 131-147, 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/viewFile/3943/4507>. Acesso em: 28 abr. 2019

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RODRIGUES, Maria Eliane Fonseca. A formação profissional em Biblioteconomia: superando limites e construindo possibilidades. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, n. 13, p. 13-24, 2002. Disponível em: http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/07/pdf_5ccdd551da_0011529.pdf. Acesso em: 30 mar. 2019.

RODRIGUES, Maria Eliane Fonseca; CAMPELLO, Bernadete Santos. **A (re)significação do processo de ensino/aprendizagem em Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: Interciência, 2004.

ROQUE, Sônia Iraina da Silva; OHIRA, Maria Lourdes Blatt. O estágio curricular em Biblioteconomia: relato de pesquisa. **Informação & Sociedade: estudos**, v. 10, n. 2, 2000. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000007676/5a215e242e7161ac5a64dc4d4cf38c9e2>. Acesso em: 03. abr. 2019.

SANTOS, Izabel Lima dos. A importância da participação em eventos científicos para a formação acadêmica. *In: ENCONTRO REGIONAL DOS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO*, 15, 2012. Juazeiro do Norte. 1 CD-ROM.

SILVA, Gilvanedja Ferreira Mendes da. **Por uma Biblioteconomia progressista: menos técnicos, mais agentes de transformação social**. *In: SPUDEIT, Daniela et al. Formação e atuação política na Biblioteconomia*. São Paulo: ABECIN Editora, 2018. 361 p. (Coleções Estudos ABECIN; 04). Disponível em: http://abecin.org.br/data/documents/E-Book_Spudeit_et_al.pdf. Acesso em: 02 abr. 2019.

SILVA, Hugo Oliveira Pinto e. Os encontros científicos estudantis: vantagens e principais problemas. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, v. 3, n. 2, p. 130-144, jan./jun., 2013. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/moci/article/view/2256>. Acesso em: 25 abr. 2019.

SPUDEIT, Daniela. **Licenciatura em Biblioteconomia: história, formação, atuação e desafios para uma nova profissão**. *In: PRADO, Jorge (Org.). Ideias Emergentes em Biblioteconomia*. São Paulo: FEBAB, 2016. p. 20-25. Disponível em:

<http://www.febab.org.br/febab201603/wp-content/uploads/2016/07/Ideias-Emergentes-Em-Biblioteconomia.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2019.

VALENTIM, Marta Lúcia Pomim. **Interloquções e novas perspectivas na educação em Ciência da Informação**. In: FARIAS, Gabriela Belmonte de (Org.). *Interloquções e novas perspectivas na educação em Ciência da Informação*. São Paulo: ABECIN Editora, 2018. 115p. (Coleção Estudos ABECIN; 06). Disponível em: http://abecin.org.br/data/documents/E-Book_ERECIN.pdf. Acesso em: 02 abr. 2019.